

Arthur Conan Doyle

O SIGNO DOS QUATRO

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



Título original: *The Sign of Four*

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Nina Lua, Isadora Torres

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Imagem da capa: © iStock.com/David Markiewicz

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930

D784s O signo dos quatro/Arthur Conan Doyle; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

il. (Bolso de Luxo)

Tradução de: The sign of four

ISBN 978-85-378-1463-5

1.Ficção inglesa. I. Borges, Maria Luiza X. de A. II. Título.
III. Série.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

15-24239

APRESENTAÇÃO

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todos os idiomas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

O signo dos quatro foi escrito originalmente sob encomenda de J.M. Stoddart, editor da *Lippincott's Magazine*, periódico literário norte-americano da Filadélfia. Com tiragem limitada, o romance veio a público em fevereiro de 1890 e é a apresentação de Sherlock Holmes aos Estados Unidos. A história alcançou grande sucesso de público e mais tarde, naquele mesmo ano, saiu em forma de livro. Após o lançamento da primeira série das histórias de Sherlock Holmes na *Strand Magazine*, em 1891, tornou-se um best-seller.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em colocar o leitor entre seus dois grandes protagonistas, “a meio caminho”, como diz John le Carré: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto original da *Lippincott's Magazine* e mais de vinte ilustrações, feitas por diversos ilustradores das histórias do grande detetive de Baker Street.

I. A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO

SHERLOCK HOLMES PEGOU o frasco no canto do aparador da lareira e tirou a seringa hipodérmica de seu elegante estojo de marroquim. Com seus dedos longos, brancos e nervosos, ajustou a delicada agulha e arregaçou o punho esquerdo da camisa. Durante um curto tempo seus olhos repousaram pensativamente no antebraço e no punho, musculosos, pontilhados por um sem-número de picadas. Por fim, introduziu a ponta aguda, apertou o minúsculo êmbolo e recostou-se na poltrona forrada de veludo com um longo suspiro de satisfação.

Três vezes por dia, durante muitos meses, eu havia testemunhado essa cena, mas o costume não me levava a aceitá-la. Ao contrário, a cada dia eu ficava mais irritado àquela visão, e à noite minha consciência pesava diante da ideia de que me faltara coragem para protestar. Muitas e muitas vezes eu prometera que daria vazão aos meus sentimentos sobre o assunto; mas havia um não sei quê no ar sereno, indiferente de meu companheiro que fazia dele o último homem com quem uma pessoa gostaria de tomar algo parecido com liberdade. Seus grandes talentos, suas maneiras primorosas e minha experiência com suas muitas qualidades extraordinárias, tudo isso me deixava acanhado e hesitante em interferir em sua vida.

Naquela tarde, no entanto, fosse por causa do Beaune que eu tomara no almoço ou da exasperação adicional produzida

pela extrema deliberação de suas maneiras, senti de repente que não podia mais me conter.

“O que é hoje”, perguntei, “morfina ou cocaína?”

Ele levantou os olhos languidamente do velho volume em caracteres góticos que abrira.

“É cocaína”, disse, “uma solução a sete por cento. Gostaria de experimentar?”

“Em absoluto”, respondi bruscamente. “Minha constituição ainda não se recuperou da campanha afegã. Não posso me permitir impor-lhe nenhum esforço extra.”

Ele sorriu da minha veemência. “Talvez você tenha razão, Watson”, disse. “Suponho que a influência física dela seja má. Considero-a, contudo, tão transcendentalmente estimulante e aclaradora para a mente que não dou muita importância a seus efeitos secundários.”

“Mas pense!” disse eu, seriamente. “Avalie o custo! Seu cérebro pode, como você diz, ser estimulado e acelerado, mas trata-se de um processo patológico e mórbido, que envolve maior alteração dos tecidos e pode levar no mínimo a uma debilidade permanente. Você conhece, também, a reação de melancolia que lhe sobrevém. Certamente não vale a pena. Por que deveria você, por um mero prazer efêmero, se arriscar a perder aqueles imensos talentos de que foi dotado? Lembre-se de que falo não apenas como um companheiro para outro, mas como um médico para alguém por cuja constituição é em certa medida responsável.”

Ele não pareceu ofendido. Ao contrário, uniu as pontas dos dedos e apoiou os cotovelos nos braços de sua cadeira, como alguém desejoso de conversar.

“Minha mente”, disse, “rebelar-se contra a estagnação. Dê-me problemas, dê-me trabalho, dê-me o mais abstruso criptograma ou a mais intrincada análise, e estou em casa. Posso prescindir então de estimulantes artificiais. Mas abomino a rotina enfadonha da existência. Anseio por exaltação mental. Foi por isso que escolhi minha própria profissão, ou melhor, inventei-a, porque sou o único no mundo a exercê-la.”

“O único detetive não oficial?” perguntei, alçando as sobrancelhas.

“O único detetive consultor não oficial”, respondeu ele. “Sou o último e o mais elevado tribunal de apelação na detecção. Quando Gregson, Lestrade ou Athelney Jones estão desnor-teados – o que, diga-se de passagem, é seu estado normal –, o assunto é trazido à minha consideração. Eu examino os dados, como um especialista, e pronuncio uma opinião abalizada. Não reivindico nenhum mérito nesses casos. Meu nome não aparece em nenhum jornal. O próprio trabalho, o prazer de encontrar um campo para minhas capacidades peculiares, é minha mais elevada recompensa. Mas você mesmo teve alguma experiência de meus métodos de trabalho no caso de Jefferson Hope.”

“Sim, de fato”, respondi cordialmente. “Nada me impressionou tanto em minha vida. Cheguei mesmo a corporificá-la numa pequena brochura, com o título um tanto extravagante de ‘Um estudo em vermelho’.”

Ele sacudiu a cabeça tristemente.

“Passei os olhos nela”, disse. “Honestamente, não posso parabenizá-lo. A detecção é, ou deveria ser, uma ciência exata

e deveria ser tratada da mesma maneira fria e desapaixonada. Você tentou dar-lhe um toque de romantismo, o que produz mais ou menos o mesmo efeito que se introduzisse uma história de amor ou a fuga de um casal de amantes na quinta proposição de Euclides.”

“Mas o romance estava lá”, protestei. “Eu não podia falsear os fatos.”

“Alguns fatos deveriam ser suprimidos, ou, pelo menos, um justo senso de proporção deveria ser observado em seu tratamento. O único ponto digno de menção no caso foi o curioso raciocínio analítico dos efeitos para as causas, mediante o qual consegui deslindá-lo.”

Fiquei aborrecido com essas críticas a uma obra que se destinara especialmente a agradá-lo. Confesso, também, que me senti irritado pela egolatria que parecia exigir que cada linha de meu texto fosse dedicada a seus próprios feitos especiais. Mais de uma vez durante os anos em que havia morado com ele em Baker Street, eu observara que havia uma ponta de vaidade sob as maneiras serenas e didáticas de meu amigo. Não fiz nenhum comentário, contudo, e fiquei afagando minha perna ferida. Ela fora atravessada por uma bala de jezail algum tempo antes, e, embora isso não me impedisse de caminhar, doía de maneira extenuante a cada mudança de tempo.

“Minha clientela estendeu-se recentemente ao Continente”, disse Holmes depois de algum tempo, enchendo seu velho cachimbo de raiz de urze-branca. “Fui consultado semana passada por François le Villard, que, como você provavelmente sabe, assumiu nos últimos tempos uma posição bastante ele-

vada no serviço de detecção francês. Ele tem todo o talento celta da intuição rápida, mas é deficiente no amplo espectro de conhecimentos exatos essencial para maior desenvolvimento de sua arte. O caso dizia respeito a um testamento e possuía algumas características de interesse. Fui capaz de referi-lo a dois casos paralelos, um ocorrido em Riga em 1857, o outro em St. Louis em 1871, que lhe sugeriram a verdadeira solução. Aqui está a carta que recebi esta manhã agradecendo meu auxílio.”

Enquanto falava, jogou-me uma folha amassada de papel de carta estrangeiro. Corri os olhos por ela, percebendo uma profusão de elogios, com *magnifiques, coups de maître** e *tours de force* espalhados, tudo atestando a ardente admiração do francês.

“Ele fala como um aluno a seu mestre”, disse eu.

“Oh, ele valoriza excessivamente a minha ajuda”, disse Sherlock Holmes com indiferença. “Ele próprio tem consideráveis aptidões. Possui duas das três qualidades necessárias ao detetive ideal: tem capacidade de observação e de dedução. Só é deficiente em conhecimento, e isso pode vir com o tempo. Agora está traduzindo todos os meus trabalhos para o francês.”

“Seus trabalhos?”

“Ah, não sabia?” exclamou, rindo. “Sim, perpetrei várias monografias. Todas tratam de assuntos técnicos. Aqui está uma, por exemplo, ‘Sobre a distinção entre as cinzas dos vários tabacos’. Nela enumero cento e quarenta formas de tabaco de charuto, cigarro e cachimbo, com pranchas coloridas ilustrando a

* “Golpes de mestre”, em francês no original.

diferença nas cinzas. Esse é um ponto que está sempre vindo à tona em julgamentos criminais, e que é por vezes de suprema importância como uma pista. Se você pode dizer com certeza, por exemplo, que um assassinato foi cometido por um homem que fumava um *lunkah* indiano, isso obviamente estreita seu campo de busca. Para o olho treinado há tanta diferença entre as cinzas pretas de um Trichinopoli e a lanugem branca de *bird's-eye* quanto entre um repolho e uma batata.”

“Você tem um pendor extraordinário para as minúcias”, observei.

“Aprecio a importância delas. Aqui está minha monografia sobre o rastreamento de pegadas, com algumas observações sobre o uso de gesso para preservar impressões. Eis aqui também um trabalhinho curioso sobre a influência do ofício sobre a forma da mão, com linotipias das mãos de telhadores, marceneiros, cortadores de cortiça, tipógrafos, tecelões e polidores de diamantes. É uma matéria de grande interesse prático para o detetive científico – especialmente em casos de corpos não reclamados, ou na descoberta de antecedentes de criminosos. Mas eu o estou cansando com o meu *hobby*.”

“De maneira alguma”, respondi com sinceridade. “Isso é do maior interesse para mim, especialmente desde que tive a oportunidade de observar a aplicação prática que lhe dá. Mas falou há pouco de observação e dedução. Por certo uma implica a outra em certa medida.”

“Ora, só ocasionalmente”, respondeu ele, recostando-se voluptuosamente na poltrona e tirando grossos anéis azuis de seu cachimbo. “Por exemplo, a observação me mostra que você

esteve na agência dos Correios de Wigmore Street esta manhã, mas a dedução me permite saber que ali passou um telegrama.”

“Certo!” disse eu. “Certo nos dois pontos! Mas confesso que não vejo como chegou a isso. Foi um impulso repentino de minha parte e não o mencionei a ninguém.”

“É a própria simplicidade”, observou ele, rindo de minha surpresa – “tão absurdamente simples que uma explicação é supérflua; mas ela pode servir para definir os limites entre a observação e a dedução. A observação me diz que você tem um pouco de barro avermelhado preso no peito do pé. Bem na frente dos Correios de Wigmore Street eles removeram o calçamento e escavaram alguma terra, que se espalhou de tal maneira que é difícil não pisar nela ao entrar. A terra é desse matiz avermelhado peculiar que, pelo que sei, não é encontrado em nenhum outro lugar nas redondezas. Tudo isso é observação. O resto é dedução.”

“Como, então, você deduziu o telegrama?”

“Ora, claro que eu sabia que você não tinha escrito uma carta, pois passei a manhã toda sentado na sua frente. Vejo também em sua escrivaninha aberta, ali, que você tem uma folha de selos e um grosso maço de cartões-postais. Nesse caso, para que haveria de ir ao correio, senão para enviar um telegrama? Elimine todos os outros fatores, e aquele que resta deve ser a verdade.”

“Neste caso, certamente é”, retruquei após pensar um pouco. “A coisa, no entanto, é, como diz, das mais simples. Você me julgaria impertinente se submetesse suas teorias a um teste mais severo?”

“Ao contrário”, respondeu ele, “isso me impediria de tomar uma segunda dose de cocaína. Ficaria encantado em examinar qualquer problema que possa me apresentar.”

“Eu o ouvi dizer que é difícil para um homem ter qualquer objeto de uso diário sem nele deixar a marca de sua individualidade, de tal modo que um observador treinado poderia lê-la. Ora, tenho aqui um relógio que veio parar em minhas mãos recentemente. Faria a gentileza de me dar uma opinião sobre o caráter ou os hábitos de seu ex-proprietário?”

Entreguei-lhe o relógio, divertindo-me um pouco em meu íntimo, pois aquele era, a meu ver, um teste impossível, e eu pretendia que servisse de lição contra o tom um tanto dogmático que ele assumia ocasionalmente. Holmes sopesou o



“Holmes sopesou o relógio.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

relógio, olhou atentamente o mostrador, abriu a tampa traseira e examinou o mecanismo, primeiro a olho nu e depois com uma poderosa lente convexa. Mal consegui me impedir de sorrir diante de sua fisionomia desanimada quando ele finalmente fechou a tampa com um estalo e me devolveu o relógio.

“Não há quase nenhum dado”, observou. “O relógio foi limpo recentemente, o que me rouba os fatos mais sugestivos.”

“Você está certo”, respondi. “Foi limpo antes de ser enviado para mim.”

Em meu coração, acusei meu companheiro de alegar a desculpa mais esfarrapada e impotente para encobrir seu fracasso. Que dados poderia ele esperar de um relógio que não tivesse sido limpo?

“Embora insatisfatória, minha investigação não foi de todo estéril”, observou ele, fitando o teto com olhos sonhadores, embaçados. “Corrija-me se eu estiver errado, mas eu diria que o relógio pertenceu ao seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.”

“Isso você deduziu, sem dúvida, das iniciais H.W. nas costas?”

“Exatamente. O W. sugere seu próprio nome. O relógio data de quase cinquenta anos atrás, e as iniciais são tão antigas quanto ele: portanto foi fabricado para a geração passada. Joias geralmente são legadas para o filho mais velho, e era muito provável que ele tivesse o mesmo nome que o pai. Seu pai, se bem me recordo, faleceu há muitos anos. Ele estava, portanto, nas mãos de seu irmão mais velho.”

“Até agora, certo”, disse eu. “Mais alguma coisa?”

“Ele era um homem de hábitos desmazelados... muito desmazelado e descuidado. Foi deixado com boas perspectivas, mas jogou fora suas oportunidades, viveu algum tempo na pobreza com breves e ocasionais intervalos de prosperidade, e finalmente, entregando-se à bebida, morreu. Não consigo deduzir mais nada.”

Saltei da cadeira e coxeei impacientemente pela sala, com considerável amargura no coração.

“Isso é indigno de você, Holmes”, disse. “Eu não teria acreditado que desceria a isso. Fez indagações sobre a história de meu pobre irmão e agora finge deduzir esse conhecimento de uma maneira fantasiosa. Não pode esperar que eu acredite que decifrou tudo isso nesse relógio velho! Isso é cruel e, para falar francamente, beira o charlatanismo.”

“Meu caro doutor”, disse ele afavelmente, “peço que aceite minhas desculpas. Vendo o assunto como um problema abstrato, esqueci-me do quanto poderia ser pessoal e penoso para você. Eu lhe asseguro, no entanto, que nunca soube sequer que teve um irmão até que me entregou o relógio.”

“Então por força de que prodígios se inteirou desses fatos? Eles são absolutamente corretos em todos os detalhes.”

“Ah, foi sorte. Eu poderia apenas dizer que foi o saldo das probabilidades. Não esperava de maneira alguma ser tão preciso.”

“Mas não foi pura adivinhação?”

“Não, não; eu nunca adivinho. É um hábito indecoroso – destrutivo das faculdades lógicas. O que lhe parece estranho só o é porque você não acompanha meu encadeamento de ideias ou observa os pequenos fatos de que grandes inferên-

cias podem depender. Por exemplo, comecei dizendo que seu irmão era descuidado. Observando a parte de baixo da caixa do relógio, note que está não só amassada em dois lugares, como toda arranhada e marcada em decorrência do hábito de guardar outros objetos duros, como moedas ou chaves, no mesmo bolso. Certamente não é uma grande façanha supor que um homem que trata um relógio de cinquenta guinéus com tanto desdém deve ser descuidado. Não é tampouco uma inferência muito ousada supor que um homem que herda um artigo de tal valor está muito bem-aquinhado em todos os demais aspectos.”

Assenti com a cabeça, para mostrar que acompanhava seu raciocínio.

“Os penhoristas na Inglaterra têm o costume, quando se apoderam de um relógio, de riscar os números da cautela com um alfinete no interior da caixa. É mais conveniente que uma etiqueta, pois não há perigo de o número se perder ou ser trocado. Há nada menos que quatro desses números visíveis à minha lente dentro da caixa. Inferência: seu irmão estava com frequência na penúria. Inferência secundária: tinha fases ocasionais de prosperidade, ou não teria podido resgatar o penhor. Por fim, peço-lhe que olhe a placa interna, que contém o orifício para a chave. Veja os milhares de arranhões espalhados em torno dele, marcas deixadas pela chave ao resvalar. Como a chave de um homem sóbrio teria podido produzir esses sulcos? Mas você nunca verá o relógio de um bêbado sem eles. Ele lhe dá corda à noite, e deixa esses sinais de sua mão vacilante. Onde está o mistério em tudo isto?”

“É claro como o dia”, respondi. “Lamento a injustiça que lhe fiz. Deveria ter tido mais fé em suas maravilhosas faculdades. Posso perguntar se tem alguma investigação profissional em curso no momento?”

“Nenhuma. Por isso a cocaína. Não posso viver sem trabalho intelectual. Que outra razão há para se viver? Chegue aqui à janela. Houve alguma vez um mundo tão monótono, melancólico, inútil? Veja como o nevoeiro amarelo rodopia sobre a rua e deriva sobre as casas pardacentas. O que poderia ser mais irremediavelmente prosaico e grosseiro? De que adianta ter capacidades, doutor, quando não temos nenhum campo em que exercê-las? O crime é lugar-comum, a existência é lugar-comum, e nenhuma qualidade exceto as que são lugar-comum tem qualquer função sobre a terra.”

Eu havia aberto a boca para replicar a essa invectiva quando, com uma batida firme, nossa senhoria entrou, trazendo um cartão sobre a salva de bronze.

“Uma jovem senhora quer vê-lo, senhor”, disse, dirigindo-se ao meu companheiro.

“Miss Mary Morstan”, leu ele. “Hum! Não tenho nenhuma lembrança do nome. Peça à jovem senhora para subir, Mrs. Hudson. Não vá, doutor. Preferiria que ficasse.”